
“DEUS É PAI, TUPÃ, SOU BERADÊRO”: A CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE AMAZÔNIDA-RONDONIENSE-RESISTENTE

Akilaz Correa MOREIRA¹; Rafael Ademir Oliveira de ANDRADE²; Renato Fernandes CAETANO³

1. Graduando em Filosofia, Bolsista PIBIC CNPq FCR - manifestejahndoafrofuturismo@gmail.com .
2. Sociólogo, Doutor e Pós Doutor em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente - profrafaelsocio@gmail.com .
3. Filósofo e Antropólogo, Pós-Doutorando em História da Amazônia, Doutor em Antropologia Social - renatusfc@gmail.com

RESUMO: Este estudo visa refletir a identidade beradêra e suas origens, desenvolvimento e resistências em Rondônia, estado da Amazônia brasileira. Utilizamos o termo "beradêro" para abordar esse conceito, que é encontrado em diversas formas na literatura e na cultura popular: Beradeiro, Bera, Beradero, Beiradero. Todas essas variações do movimento cultural, artístico e político exploram a mesma questão central: como podemos nos identificar como rondonienses ou porto-velhenses a partir da vida às margens do rio? Embora reconheçamos a ausência de uma metodologia convencional, os autores deste trabalho são três indivíduos que moldaram suas trajetórias pessoais, políticas e acadêmicas refletindo sobre esse tema não apenas nos ambientes acadêmicos, mas também, e principalmente, nos espaços informais como bares, eventos culturais, práticas religiosas e encontros políticos. Embora a identidade beradêra esteja intrinsecamente ligada aos autores deste texto, adotamos duas abordagens metodológicas distintas: a autoetnografia e uma revisão bibliográfica simples por associação temática. No entanto, reconhecemos que a simples descrição de nossas experiências não é suficiente, por isso optamos por introduzir um elemento de continuidade histórica através da autodescrição do movimento Beradêro, elaborada pelo autor e um dos fundadores, Akilas Correa Moreira. Os demais autores servirão como interlocutores nessa narrativa.

PALAVRAS-CHAVE: Rondônia. Beradêro. Identidade. Amazônia.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo refletir acerca da identidade beradêro e sua construção, história e resistências em Rondônia, estado da Amazônia brasileira. Beradêro foi a forma como resolvemos definir este termo que encontra na literatura e nas ruas muitas formas: Beradeiro, Bera, Beradero, Beiradero. Todas estas formas de descrever o movimento cultural-artístico e político tendem a pensar na mesma questão: como podemos nos pensar rondonienses ou porto-velhenses à partir da beira do rio?

Gostaríamos de dizer que não há **propriamente uma** metodologia, pois o que temos de autores neste trabalho são três beradêros que construíram suas vidas pessoais, políticas e acadêmicas refletindo e existindo sobre o tema não apenas na academia superior, mas também (e na maioria do tempo) nos bares, blocos, festejos, rituais religiosos, reuniões de movimentos sociais e políticos. A identidade beradêra permeia quem escreve este texto e mesmo assim estamos adotando duas metodologias: a autoetnografia e a revisão bibliográfica simples por associação temática.

Entretanto, a descrição das experiências dos autores não é o suficiente, decidimos colocar um fio condutor da memória, que será a autodescrição do movimento Beradêro a partir da escrita do autor e um dos fundadores do mesmo, Akilas Correa Moreira. Os demais autores serão interlocutores na escrita.

MATERIAL E MÉTODO

Dada a complexidade do tema abordado, vamos adotar duas metodologias para coletar e analisar dados neste estudo. De natureza qualitativa e descritiva, esta pesquisa tem como foco a reflexão sobre a identidade beradêra.

O primeiro método a ser empregado é o da autoetnografia. A etnografia é uma ferramenta de pesquisa e interpretação da realidade amplamente utilizada pela Antropologia. Nesse sentido, os significados das ações e outras manifestações sociais são interpretados a partir da observação direta do comportamento, sendo incumbência do cientista imergir em temas recorrentes na sociedade.

Por sua vez, a autoetnografia é o método que permite a análise desses fenômenos sociais por um sujeito que, em sua história social, está vivenciando ou vivenciou o fenômeno. Esse método já foi descrito como "auto descrição de um grupo humano que pretende se estudar" ou "estudo da cultura à qual o pesquisador pertence" (CANO; OPAZO, 2014). No caso aqui específico o autor responsável pela autoetnografia será Akilas Correa Moreira, um dos fundadores do movimento Beradêro. Os outros autores atuarão como interlocutores a partir de sua experiência própria, enquanto artistas, [pesquisadores](#) e orientadores.

O segundo método utilizado é a revisão bibliográfica por simples associação. Ou seja, de acordo com as temáticas apontadas pelo método anterior, serão adotados textos para elucidar tais pontos. Este método é complementar à análise acima indicada.

Quilomboclada e os Beradêros

“Sou beradêro. Foi com essa afirmativa identitária que em parceria com pessoas também interessadas em produzir cultura alternativa periférica (...) que formamos em 2003 a banda Quilomboclada ” - assim começa o pensamento de Akilaz e boa parte do pensamento fundante daqueles que se dizem da beira. A cultura beradêra sempre esteve do lado resistente da história: na forma da organização cultural do movimento ou de forma cotidiana na vida dos ribeirinhos e extrativistas locais que sequer davam a si mesmo o nome de ribeirinhos ou pessoas da beira.

De alguma forma o sentimento do beradêro é de estar à margem, dos rios, da história, das políticas públicas para o desenvolvimento do estado de Rondônia, da cultura, da mídia.

Não sei dizer com exatidão quando e quem criou a palavra beradêro enquanto movimento artístico e cultural. O que sabemos é que ela foi utilizada musicalmente de início pela família Bártolo ainda nos anos de 1950, e vem sendo trazida nos tempos por diferentes artistas e divulgadores culturais ao longo das décadas. A contribuição da Quilomboclada nessa ideia, em seu formato mais recente, é uma espécie de ressignificação do termo, desta vez com forte apelo de crítica social. Esse é o ponto atual: A abordagem socialmente consciente dos temas beradêros.

A cultura alternativa periférica que a Quilomboclada instaura se propõe ser “à beira da indústria cultural vigente e dominante” é uma mistura de Quilombo (um lugar de resistência) e caboclada (que é a figura do ser amazônico resultado da mistura racial na região). Quilombos são comunidades formadas por descendentes de africanos que fugiram da escravidão no período colonial brasileiro, estabelecendo-se em áreas isoladas e muitas vezes de difícil acesso. Essas comunidades eram autônomas e buscavam preservar sua cultura, tradições e liberdade, criando formas de resistência ao sistema escravista predominante. Quilombo são resistências.

Precisamos reforçar a parte da indústria cultural, conceito este fundado por Adorno e Horkheimer (2002) quando este aponta que a Indústria cultural tem como objetivo criar uma forma de semicultura, cultura massificada, que retire dos sujeitos sentimento de pertencimento ao invés de criar. Embora a indústria cultural desempenhe um papel crucial na influência sobre a consciência coletiva das sociedades massificadas, seus produtos estão longe de serem considerados artísticos, não são arte, mas um simulacro - pois não representam sentimentos ou consciências coletivas, mas sim o interesse de uma classe dominante. Isso se deve ao fato de que tais produtos não refletem mais uma distinção entre classes dominantes ou dominadas, mas são exclusivamente determinados pelo mercado e por seus agentes dominantes. O movimento beradêro, então, se propõe construir uma cultura verdadeiramente da beira que fuja das armadilhas da indústria cultural.

O nome da banda Quilomboclada, ativa até os dias de hoje, foi tomada a partir da consciência de uma cultura nortista e da necessidade de aglutinar pessoas em torno de um movimento, como um um barco no rio. Mas, como todo barco grande ou pequeno precisa navegar (interessante que navegar serve tanto para água quanto pro ar e pra internet) se faz necessário movimento. O movimento balança a bandeira do barco, e a bandeira do barco sinaliza o movimento beradêro. Como nos acostumamos a dizer : O movimento beradêro são os beras em movimento.

Consideramos também apropriada a comparação dessa ação, do movimento beradero, com o fenômeno nortista da pororoca, em que as águas de rio se encontram com o mar, e são alavancadas por forças oceânicas de forma abrupta e contínua “rio adentro”, remexendo tudo pelo caminho. Os rios da Amazônia são na maioria caudalosos e em formação (de leito ainda não “sentado”) cujas pressões externas as agitam e causam resistência.

Que resistência é essa resultante? A resistência cultural humana, ou seja, feita por pessoas que cultivam e mantêm a própria cultura como resposta às coisas do mundo. Esse pensamento veio da seguinte observação da realidade material mais presente: Nos lugares onde não existe indústria cultural (ADORNO; HORKHEIMER, 2002) ou ela não está tão forte, como é o caso das culturas ribeirinhas de Porto Velho, a cultura ainda são as pessoas mais localizadas na questão regional. Nesta observação, consideramos as pessoas como a verdadeira cultura. Como se dá essa resistência? Resistimos protestando e fazendo festa, já que nossa maneira de protestar é festejando a vida: Essa é a Luta! E nossa maneira de festejar, é protestando contra mazelas sociais: Essa é a festa.

O uso de tantas figuras de linguagem, mais comuns no viés poético do que no meio acadêmico, se deve ao fato de que o caboclo sente e sabe bem que a língua padrão é a língua do patrão e para não jogar fora o dicionário oficial, buscamos fazer um uso cabível desse rico espelhinho que nos foi apresentado. Acreditamos no ritmo da poesia como força mater/motriz inerente e imanente à vida na Amazônia. Esse foi o impulso inicial da criação da banda Quilomboclada. Apesar do pensamento comum de achar que a Quilomboclada criou o termo beradêro (na época era raro o uso), na real não criamos nada. Mais próximo da verdade está o fato de que a ideia beradeira estava jogada de escanteio. Nós não resgatamos essa ideia porque ela não estava presa, mas “menosprezada”. Esse trabalho foi apresentado a um público maior entre 2004 e 2005 no Madeira Rock Festival, onde seguiu adiante em épocas diferentes com incontáveis apresentações musicais, por exemplo, na tradicional “Escadaria da UNIR”, Festival Casarão, Boto Rock, Mercado Cultural e muitos outros espaços culturais da cidade de Porto Velho, levando o som e a mensagem da banda à eventos privados e públicos cada vez mais diversificados e abrangentes. Membros do movimento beradero ajudaram a organizar e participamos inclusive da primeira edição do Festival Beradeiros em 2006.

Sempre mantendo a essência, que é [beradêra](#). Por essa persistência “resistente temática”, mais pessoas puderam conhecer essa tendência musical de vanguarda, que é influenciada e influencia amantes da música e da arte em geral. Concluimos então que a arte é elemento que vai basilar/organizar tal identidade beradêra.

Identidade Beradêra e Ciência/Arte Local

“Bem, posso não ser ribeirinho (que é um termo cunhado em banco de faculdade para designar quem reside até certa metragem da margem física da beira do rio), mas certamente somos beradêros, já que a maior parte de nós, vivem socialmente “à margem”, “à beira“ de certas contemplações, como por exemplo, de assistência sanitária básica” começa a autodescrição de Akilaz Corrêa. O poeta que agora é também autor de textos acadêmicos, como este, faz uma crítica certa à academia que é abarrotada de um colonialismo interno, visceral e doentio, muitas das vezes praticadas por quem se intitula decolonial.

A colonialidade do saber, conceituada por Aníbal Quijano (2005), é um esquema teórico que examina como o conhecimento e o poder estão entrelaçados na história colonial e na modernidade, chegando ao Brasil atual a partir da herança cultural. Quijano (2005) argumenta que o sistema colonial não se limita apenas à exploração econômica, mas também molda as formas de pensar, conhecer e interpretar o mundo, resultando na hierarquização do conhecimento, privilegiando epistemologias ocidentais e marginalizando outras perspectivas, especialmente as indígenas e afrodescendentes.

A colonialidade do saber destaca como o conhecimento é utilizado para legitimar relações de poder e dominação, perpetuando assim a marginalização e a subalternização de certos grupos sociais. Do ponto de vista do objeto aqui analisado - a identidade e cultura beradêra - a presença de impostores e colonizadores não pode ser negada. Ao passo que as Universidades do sul/sudeste brasileiros aglutinam a maioria esmagadora dos recursos para a pesquisa, olham para o norte/nordeste enquanto espaços a serem colonizados. O beradêro é aquele que justamente era considerado menos inteligente (“burro”) pelos filhos do sul/sudeste e agora é utilizado como forma de resistência. Existe o eurocentrismo e existe o “sul-sudescentrismo” quando falamos de produções acadêmicas e culturais no Brasil.

O eurocentrismo (e o sul-sudescentrismo) não é apenas uma perspectiva cognitiva dos europeus ou dos dominantes do capitalismo mundial, mas sim de todos aqueles que foram socializados sob sua hegemonia. Ao longo do tempo, essa perspectiva eurocentrada naturaliza as experiências dos indivíduos dentro desse padrão de poder, levando-nos a entendê-las como naturais e, conseqüentemente, não sujeitas a questionamentos (DE PAULA, 2014). Assim, teremos tanto apreço, aqui em Rondônia, por intelectuais (da ciência e das artes em geral) do Sul e Sudeste que os citamos, lemos, declamamos, ao passo que reduzimos a importância de

quem produz por essas bandas.

Uma espécie de ciência de rapina que se apropria dos dados locais têm suas práticas comuns pelos espaços rondonienses e muitos dos pesquisadores que aqui estão se remetem justamente à estes para embasar suas teses. A colonialidade se reforça em dois aspectos: ao passo que colaboramos para a formação de mais doutores fora da região - uma das mais precarizadas do Brasil neste aspecto (GEOCAPES, 2023) - reforçamos também a consolidação destes doutores enquanto detentores do saber. A colonialidade do saber (QUIJANO, 2005) como apontado por De Paula (2014) é uma estrutura-estruturante que se reproduz entre-sujeitos, mesmo aqueles mais disruptivos.

Nas palavras do autor Akilaz Correa, “Traçaram uma linha de risco social e tentam nos prender nela. Atraídos e eletrocutados nos trilhos do trem eletrificado da História Oficial. No Brasil, a menos que você seja rico financeiramente, essa linha imaginária existe. Porto Velho, a Capital de Rondônia, que surgiu a partir da margem direita do Rio Madeira, é uma mostra disso. Estamos de frente pro Madeira, mas de costas pro bairro Ulisses Guimarães (Zona Leste)”.

Os trilhos eletrocutados remetem aos trilhos da Estrada de Ferro Madeira Mamoré - trilho de trem construído em Porto Velho que nunca teve operação comercial e que levou a morte de milhares de pessoas, migrantes operários e indígenas em conflito, conhecida como Ferrovia do Diabo”. O fio era eletrocutado para matar os indígenas que estavam resistindo por seus territórios e que eram atraídos pela novidade cultural da linha do trem. Desta mesma forma, somos eletrocutados e mortos - e perdemos nossos territórios - quando nos remetemos única e exclusivamente para os produtores culturais de fora. A identidade beradêra é colocada enquanto a resistência contra a morte intelectual de nossos artistas em nome da tal “universalidade do conhecimento”.

De Paula (2014) argumenta que é crucial questionar a suposta universalidade, pois a compreensão do mundo ultrapassa em muito a visão ocidental dominante. Ele compartilha da crítica ao universalismo, à narrativa linear da história e às estruturas hierárquicas. Essa crítica ao universalismo e ao historicismo aponta para o esgotamento de um paradigma de modernidade ocidental, embora a teoria decolonial ressalta que isso não é suficiente para erradicar o eurocentrismo ou o etnocentrismo subjacentes às concepções predominantes do pós-modernismo. A ideia não é fundamentar nossas pesquisas apenas com autores locais, mas apontar que a experiência local analisada a partir e para nós tem o mesmo peso que autores de instituições “já consolidadas”, a ideia é fundar uma Ciência Beradeira que compartilha métodos e análises, mas que possui autonomia para pensar sobre si.

Afinal, é compreensível que todo conhecimento seja moldado pelo contexto. Contudo, não devemos esquecer que o contexto é uma construção social em constante evolução, fruto de uma história particular. De Paula (2014) enfatiza a importância de um entendimento situado, que revele o posicionamento geopolítico das teorias em relação aos seus conteúdos e direcionamentos e que ignorar essa abordagem pode transformar uma disputa teórica em uma simples questão de debate do saber pelo saber.

Citaremos agora a fala do nosso autor central - Akilaz Corrêa: “A resistência cultural beradeira é uma reflexão nesse mesmo espelho manchado de sangue que nos foi brutalmente ofertado: O da linguagem do colonizador.”. Nesta imagem, o espelho foi pensado enquanto referência aos espelhos dados pelos portugueses davam para os povos indígenas na idílica história da colonização. Mas não podemos esquecer que outros presentes foram dados: camisas cheias de doenças virais eram colocadas nas zonas de atração para adoecer e dizimar comunidades inteiras, assim era a saúde indígena na época do SPI (BRASIL, 2013). Outros espelhos nos são dados atualmente: os produtos da indústria cultural, as parcerias desiguais com outros centros, a falta de união e identidade dos artistas/cientistas locais. Seria então a identidade beradêra uma forma de unir?

“Beradêro” é um tipo de expressão partilhada por muitos produtores culturais de Porto Velho e de Rondônia. Faz parte da memória coletiva de comunidade muito antiga na localidade e desenha um determinado território, mesmo que estes desenhos não tivessem sempre este nome “Beradêro” - aqueles que aqui nasceram e tem seus biotipos indígenas, pretos, nordestinos e “misturados” sempre escutaram a fala do preconceito para com sua forma de falar, se alimentar, se “banhar”, entendam leitores, agora que é xique ser da beira, mas nem sempre foi. A identidade beradeira é uma forma de resistência nascida a partir dos descendentes destes silenciados que agora ocupam espaços em editais, cargos públicos, títulos acadêmicos e cadeiras docentes.

A defesa é uma forma de resistência humanista. Defender a ideia beradeira, é defender a realidade psicofísica do beradêro. Seu pertencimento nativo é seu próprio corpo matrimonial herdado por natureza (falo de matrimônio porque o patrimônio tem tombos duvidosos demais). Tal observação do corpo como terreno de identidade, vem do fato de que é um lugar comum na cultura nativa amazônica a não-diferenciação de um membro dos povos originários de seu território. Este ser beradêro não é dono da Terra (ele vive e sente a Terra): Ele é a Terra! A nativa não está na floresta (ela cria, cuida, maneja e pensa floresta): Ela é a floresta! Isso é tão forte que quando os caboclos chegam na selva (desta vez de pedra), tem a tendência saudável

de manter essa afirmativa pessoal de cunho coletivo: Não sou da Amazônia ou estou na Amazônia... Nós somos a Amazônia. E somos Rondônia. E somos Porto Velho e somos o Rio Madeira.

Como já dito, urge a necessidade de pensarmos uma ciência beradêra, este texto é quase um manifesto, tal qual outros manifestos já publicados em Rondônia. Tem outra cara, outro formato, mas é a manifestação - malmente moldada pela escrita científica - de pensadores do Norte, da Amazônia, de Rondônia, da Beira.

CONCLUSÃO

Como apontado na seção anterior, o presente trabalho é um ensaio acadêmico-vivencial sobre a questão da identidade beradêra a partir de atores de Porto Velho, Rondônia. Neste ensaio não apenas falamos sobre um aspecto mais subjetivo - como a identidade - mas também sobre aspectos da colonização de Rondônia no passado e no passado recente. Existe ainda a ideia de sujeição dos produtores de saber locais sobre a égide de produtores externos, principalmente das regiões Sul e Sudeste do Brasil. Concluímos então que a identidade beradêra é potencial elemento de coesão entre os grupos da localidade.

Para finalizar, informamos que o presente ensaio é a primeira produção de uma iniciação científica e que pretende-se adicionar mais dados e leituras a este debate inicial no momento de entrega dos relatórios e textos finais.

"GOD IS FATHER, TUPÃ, I'M BERADÊRO": THE CONSTRUCTION OF A RESISTANT AMAZONIAN-RONDONIAN IDENTITY

ABSTRACT: This study aims to examine the "beradêra" identity and its origins, development, and resistances in Rondônia, a state in the Brazilian Amazon. We use the term "beradêro" to address this concept, which is found in various forms in literature and popular culture: Beradeiro, Bera, Beradero, Beiradero. All these variations of the cultural, artistic, and political movement explore the same central question: how can we identify ourselves as Rondonians or Porto-Velhans from life on the riverbanks? While recognizing the absence of a conventional methodology, the authors of this work are three individuals who have shaped their personal, political, and academic trajectories reflecting on this theme not only in academic settings but also, and primarily, in informal spaces such as bars, cultural events, religious practices, and political gatherings. Although the "beradêra" identity is intrinsically linked to the authors of this text, we adopt two distinct methodological approaches: autoethnography and a simple bibliographic review by thematic association. However, we acknowledge that the mere description of our experiences is not sufficient, so we choose to introduce an element of historical continuity through the self-description of the Beradêro movement, elaborated by the author and one of the founders, Akilas Correa Moreira. The other authors will serve as interlocutors in this narrative.

KEYWORDS: Rondônia. Beradêro. Identity. Amazon.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. Indústria Cultural e Sociedade. Paz e Terra: São Paulo, 2002.

BRASIL. Relatório Figueiredo: documento na íntegra [1967]. 2013. Disponível em: <http://midia.pgr.mpf.mp.br/6ccr/relatorio-figueiredo/relatorio-figueiredo.pdf>. Acesso em: 14 abril 2024.

CANO, R. L.; OPAZO, U. S. C. Investigación artística en música: problemas, métodos, experiencias y modelos. Barcelona: Fonca-Esmuc, 2014.

DE PAULA LABORNE, Ana Amélia. Branquitude e colonialidade do saber. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), v. 6, n. 13, p. 148-161, 2014.

GEOCAPES. **Concessão de Bolsas e Programas de Pós-Graduação, Brasil**. Brasília: MCTI, 2023. Disponível em <https://geocapes.capes.gov.br/geocapes/> Acesso em 15 abr 2024.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Buenos Aires: CLACSO, 2005, p. 227-278